

TRIBUNA LIVRE

Esta secção é reservada para trabalhos de qualquer gênero cuja publicidade nos seja pedida. Ora, si a direção não se responsabiliza pelo que for escrito em artigos assinados inseridos na parte editorial — como está dito no frontispício desta revista — é óbvio que nesta Tribuna Livre, como nos "A Pedidos" dos jornais, a liberdade de exposição é amplamente assegurada. A única coisa que não admitiremos são apreciações desairosas a pessoas ou às suas opiniões. — C. L.

UM ARQUITETO PORTUGUÊS

JOSE SAMPAIO

A convite do Instituto de Arquitetos do Brasil e de outras Associações artísticas e literárias, esteve entre nós, no ano passado, por espaço de pouco mais de dois meses, um artista de sensibilidade pouco comum, o arquiteto português Raul Lino.

Magro, de cabelos e bigodes muito negros, falando de um modo brando e suave, Raul Lino conquistou logo simpatia e admiração. Impressionou pelas atitudes sinceras, pela singeleza de linguajar e sobretudo pela argumentação convincente que desfiava a favor desta ou daquela tese, debuxada a princípio em breves traços, mas logo avivada por intenso colorido.

Expôs, numa série de conferências, um punhado de idéas interessantes e mostrou o que se deve pensar a respeito dessa arte tão desacreditada e desvirtuada em nossos dias — a Arquitetura, a primeira das artes plásticas.

Aqueles que já o conheciam através seus trabalhos publicados tiveram por certo a confirmação do artista cuja intuição do Belo e da Arte foi levado a crear algumas centenas de páginas banhadas de deliciosa cor local, tão quentes de emoção e de vida, e no entanto tão singelas na forma.

Nessas conferências o Sr. Raul Lino mostrou-se um delicado burilador da palavra. Tratava-se, como o chamou o Sr. Agostinho Campos, de um arquiteto-poeta, arquiteto-escritor, arquiteto-erudito, homem múltiplo e completo.

Num ambiente de simpatia e curiosidade teve lugar a sua primeira palestra na Escola Nacional de Belas Artes, onde o conferencista abordou o seguinte tema: "O ESPIRITO NA ARQUITETURA". Seguiram-se, a curto prazo, mais duas conferências, uma no Real Gabinete Português de Leitura e outra na Academia de Letras.

A nota dominante destas palestras foi a sensação de bem-estar e de euforia que dominou o ambiente. O Sr. Raul Lino mostrava-se visivelmente á vontade nos vários assuntos que abordava. Quer em divagações de

ordem teórica e artística, quer em simples demonstrações de fatos concretos, o artista-arquiteto tinha a mente voltada sempre para a Mãe-Natureza, para a Terra, para as Arvores.

Sentia-se nas suas conferências, como num fundo de quadro, uma aragem fagueira e perfumada, banhando com luz igual o pensamento do artista. Suas frases eram suaves e a idéa fluuava transparente e perfeita, ora em tiradas irônicas, repassadas de benevolência e "humor", ora em exaltações de um entusiasmo franco e espontâneo, nascidos da admiração e do respeito sinceros por esta ou aquela obra arquitetônica.

A qualidade duma obra de ser bonita ou feia está sujeita á mais vaga das interpretações — a sensação, a emoção que certo trabalho desperta no observador. E' por isso que o conferencista, expondo por meio de projeções uma série de obras arquitetônicas, quer da antiguidade, quer dos tempos modernos, com imparcialidade dava sua impressão, mas punha logo de parte esse ponto de vista tão pessoal para só criticar o trabalho á luz da lógica, do acerto ou erro na realização da obra, sob o ponto de vista de sua finalidade.

Estudando e compreendendo os fins e a expressão da arquitetura, o Sr. Raul Lino situou-se, sensatamente, num ponto de vista conciliatório entre as duas correntes hoje em chôque, a tradicional e a chamada modernista.

Toda arte viva, em movimento, oferece mutações periódicas, impostas por causas ocasionais ou locais de certa valia, que não podem ser desprezadas sem acarretar prejuizos mais ou menos evidentes para a composição da obra de arte.

Em arquitetura, sobretudo, as imposições de ordem moral creadas pela nova sociedade, a par das imposições de ordem puramente material, crearam uma série de exigências e modos de construir que, a serem abandonados, trarão sérios prejuizos. Falhará nesse caso o edificio ao fim prefixado, podendo por isso ser justamente taxado de — máu.

Por isso — declarava Raul Lino — o largo emprego do ferro, do vidro e do cimento-armado se impõe em muitas construções. Seria absolutamente exótico e absurdo que se exigisse de um arquiteto o projeto dum banco ou dum hospital em estilo colonial ou mexicano. Nesses